

Problematizando o “Velho” e o “Idoso” sob a Ótica do Capital

Questioning the “Elder” and the “Elderly” Under Capital Perspective

André Felipe Vieira Colares¹

Luiz Alex Silva Saraiva²

RESUMO

O objetivo deste trabalho centra-se na discussão sobre a marginalização do idoso perante a sociedade capitalista, tendo em vista suas limitações físicas e psicológicas e o conseqüente desprezo do ser humano idoso por sua inaptidão ao trabalho e ao capital. Este trabalho buscou, por meio de entrevistas semiestruturadas, construir a noção do “ser idoso” através das práticas de sociabilidade desenvolvida por estes no espaço urbano em Belo Horizonte. Para tanto, trabalhou-se com doze idosos frequentadores da Praça Sete em Belo Horizonte. O método de análise adotado para as entrevistas foi a análise de discurso, em sua vertente francesa. Concluiu-se que, à exceção daqueles que ainda pode ter habilidades ou conhecimentos aproveitados pelo capital, a maioria dos idosos são tidos como velhos e, portanto, desprezados assim que passam a não satisfazer as necessidades do mercado de trabalho. A aposentadoria, por outro lado, que serviria de sustento aos idosos e retribuição aos anos de contribuição ao sistema de seguridade, acaba por ser insuficiente, lançando-os ao mercado de trabalho novamente e, mais uma vez, reafirmando sua posição marginalizada – ocupando vagas no trabalho informal e subempregos.

Palavras-chave: Idoso; Velho; Trabalho; Capital; Sociedade.

ABSTRACT

This study focuses on the discussion of the marginalization of the elderly before the capitalist society, in view of their physical and psychological limitations and the consequent contempt of the human being elderly by their inability to work and capital. This study aimed, through semi-structured interviews, to construct the notion of "being elderly" through the sociability practices developed by those in urban areas in Belo Horizonte. Therefore, he worked with twelve regulars aged from Sete Square in Belo Horizonte. The analytical method used for the interviews was the discourse analysis in its French slope. It was concluded that, except for those who may still have skills or knowledge exploited by capital, most of the elderly are seen as elder and therefore despised so pass not meet the needs of the labor market. Retirement, however, that would serve to support the elderly and return to the years of contribution to the security system, it turns out to be insufficient, and put them to the labor market again and again, reaffirming their marginalized position - occupying vacancies in informal employment and underemployment.

Keywords: Elderly; Elder; Job; Capital; Society.

¹ Mestre em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de Administração da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: colaresafv@gmail.com.

² Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: saraivalas@gmail.com.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo deste trabalho centra-se na discussão sobre a marginalização do idoso perante a sociedade capitalista, tendo em vista suas limitações físicas e psicológicas e o conseqüente desprezo do ser humano idoso por sua inaptidão ao trabalho e ao capital. Ora, a pergunta que nos traz a este estudo é o porquê de termos que lutar pelos velhos? Como apontaria Bosi (1994, p. 18) “porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara, pois, como escrevera Benjamin, só perde o sentido aquilo que no presente não é percebido como visado pelo passado”.

Neste trabalho, partimos do pressuposto que “o processo de envelhecimento é compreendido como processo de vida, ou seja, envelhecemos porque vivemos e muitas vezes sem nos darmos conta disso. O processo de envelhecimento comporta, portanto, a fase da velhice, mas não se esgota nela” (SOUZA; MATIAS; BRETAS, 2010, p. 2836).

“A velhice, enquanto etapa da vida, na concepção de muitos, ainda, é marcada como sinônimo de incapacidades, seja de ordem física ou mental, tornando os idosos improdutivos no campo econômico e social” (ALENCAR, et al, 2014, p. 3534), portanto, é preciso começar a enxergar e dar atenção à um dos grupos sociais que tende a crescer socialmente e precisa ser assistido, precisa ter a atenção voltada para eles e suas necessidades. Afinal, antes de serem idosos, aposentados e improdutivos (perante o mercado de trabalho) eles também são humanos.

É preciso compreendê-los e entender suas necessidades nos diversos âmbitos e contextos. Neste trabalho, buscamos então trazer a questão do idoso, da sua precariedade social e da aposentadoria como morte proposta pelo capital, a sua marginalização pelos familiares. Como diz Bosi (1994, p. 18) em seu livro e anteriormente já apontado, “mas, se os velhos são os guardiões do passado, por que nós é que temos de lutar por eles? Porque foram desarmados”. Em releituras de Bergson por Bosi, esta aponta, “o sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito” (BOSI, 1994, p. 6).

Logo, há uma necessidade de compreensão não apenas do ser idoso, mas é preciso compreender o ser idoso no Brasil e, em específico neste trabalho, em Belo Horizonte – na Praça Sete. A primeira questão então aqui colocada é sobre que indivíduo eu falo, sobre que categoria social eu estudo? Como apontado por Silva (2008, p. 156), “o surgimento da velhice e da terceira idade pode ser entendido como resultante de um processo complexo, que envolve a convergência de discursos políticos, práticas sociais, interesses econômicos”. Portanto, quando falo de uma reflexão maior sobre o idoso em nossa sociedade venho trazer a questão da própria categorização deste enquanto indivíduo.

A problematização acerca do idoso em sociedade perpassa pela necessidade de se refletir: como o idoso percebe sua condição social perante questões como aceitação social, mercado de trabalho e aposentadoria? E, portanto, como se dá a relação dos idosos com o capital, a percepção sobre trabalho e valorização; a questão dos benefícios e acessos possibilitados aos idosos; etc.

Ora, se falamos de um indivíduo em condição de marginalização na sociedade o que nos emerge é a seguinte questão: em que ponto e para quem torna-se interessante essa marginalização? Como apontado por Carolino, Soares e Candido (2011, p. 4) “a velhice serve como motivo de expropriação de sua autonomia”. Enfraquecimento do indivíduo perante o sistema visando então tirar “de circulação social” todo e aquele indivíduo que já não serve mais aos interesses capitais. E, onde também, a permanência deste em circulação seja custosa ao Estado e às organizações, como no caso do transporte público. Dessa forma, “o Estado cria respostas mínimas, possibilitando, ilusoriamente, que o idoso se identifique como integrante dessa sociedade” (OLIVEIRA, FERNANDES, CARVALHO, 2011, p. 3).

Sendo o idoso um indivíduo na sociedade, como podemos pensar então a questão da acessibilidade aos

benefícios em um contexto de bem-estar social? (BODE, 2007). “O trabalho está no centro da questão social” (MELO, SASSAKI, MAIA, 2011, p. 6), mas a realidade do sistema capitalista acaba por transfigurar o direito de ir em vir, daqueles já retirados do cenário do trabalho, em situação de benefício (OLIVEIRA, FERNANDES, CARVALHO, 2011).

E para além de uma questão social, busco discutir aqui uma questão política, referindo-me à posição que o idoso um dia ocupou, como o capital suga suas energias e habilidades e desfaz deste ao bem querer de sua vontade. Este trabalho está organizado, além destas considerações iniciais em mais três seções: i) o trabalho e o capital; ii) percurso metodológico; iii) sobre ser idoso e; iv) as considerações finais.

2. O TRABALHO E O CAPITAL

A evolução do capitalismo e dos modos produtivos trouxe junto consigo as diversas formas de divisão do trabalho (funcional, social, sexual) mas, principalmente, a separação do controle (e conhecimento) de produção do trabalhador para as mãos dos donos do capital (MARGLIN, 1978). Para além do que consiste a separação entre concepção e execução do trabalho, observa-se também neste processo a transformação do indivíduo em um ser intercambiável (BRAVERMAN, 1987), uma mercadoria (MAYA, 2008) e com prazo de validade previsto.

E ainda que o capital busque tornar o indivíduo apenas mais uma peça dentro do meio produtivo, Valle (1988, p. 46) afirma que “a produção de mercadorias passa a referir a si, às suas exigências, o conjunto das atividades e relações humanas. A lógica dessa produção torna-se a lógica dominante da prática social, organizando e atribuindo sentido e valor às ações humanas”. Ou seja, para além do ambiente produtivo, o capital transcende para o social os rótulos e funcionalidades que impõe aos indivíduos.

Portanto, o discurso ideológico desenvolvido a partir desta relação busca reafirmar a necessidade do trabalho para o indivíduo, “imprimindo nas mentes dos trabalhadores a ideia de que o homem digno é aquele que trabalha e aqueles que assim não procedem estão destinados ao fracasso” (MAYA, 2008, p. 31). E com isso, a vida dos indivíduos nas sociedades capitalistas acaba por ser demarcada entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho. O trabalho torna-se um demarcador de tempo na vida dos indivíduos. Pereira, Muniz e Brito (2008, p. 83) apontam que “a condição democrática e, conseqüentemente, a condição para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea, são fenômenos que remetem às condições de construção dos laços sociais e as de trabalho”.

Entre as formas de divisão impostas pelo capital observa-se que, ao definir o trabalho como demarcador social, três novas divisões passam a fazer parte da relação trabalho e sociedade: os que se preparam para entrar no mercado, os que já saíram deste mercado (juntos formam a denominada População Economicamente Inativa) e aqueles que se encontram no mercado de trabalho (População Economicamente Ativa).

Pereira, Muniz, Brito (2009) ainda apontam, em releituras de Enriquez (1999), que o trabalho, além do discurso de dignificador do ser humano (MAYA, 2008), permite ao trabalhador engendrar e reforçar relações sociais. Torna-se, portanto, um “elemento integrador da sociedade”, de manutenção dos laços sociais. E, como complementa Rampazo (2015, p. 579) “a imagem que as revistas de negócios desenham daqueles que ‘progrediram na vida’ por meio do trabalho é justamente de uma pessoa realizada”.

Portanto, ao pensar o percurso temporal que os indivíduos perpassam desde a entrada até a saída do mercado de trabalho, o que se permite pensar é de que forma o indivíduo sai (ou é expulso) deste mercado? Em quais condições tal situação é desenvolvida? Não se pode, nesse ponto, pensar que após toda uma vida de exploração do capital que o céu será alcançado – as dificuldades começam na manutenção dos ganhos que a aposentadoria não preserva aos idosos.

Entre os argumentos, como aponta Oliveira, Fernandes e Carvalho (2011, p. 2) o “idoso não é mais parte integrante da lógica trabalho e produção, pois ele não está mais ativo na geração de mais-valia ao capitalista. Já que esse alcançou uma idade considerada improdutiva, não pertencendo ao grupo de trabalhadores ativos nem ao chamado exército de reserva”.

Logo, os direitos dos idosos, retorno de colaboração financeira e produtiva a todo um sistema durante sua fase adulta, acaba sendo convertido em discurso de benefício, retomado enquanto favor que a sociedade faz ao possibilitar acessos à um “não indivíduo. Outras questões emergentes tocam pontos como a desvalorização de todo um *know how* desenvolvido e elaborado durante a fase ativa que poderia ser aproveitada e valorizada – tanto em termos econômicos quanto sociais.

No entanto, ainda que este idoso tente retomar sua posição no mercado de trabalho (ou se sujeite à uma outra posição, ainda que inferior), o que se observa é que “diante de um novo padrão de acumulação capitalista, no qual ele deve estar em constante reformulação de suas condições de empregabilidade, além de estar em eminência constante de desemprego e precariedade, devido à competitividade dos mercados e das políticas neoliberais” (PEREIRA, MUNIZ, BRITO, 2009, p. 83). Ou seja, ao idoso sobrar apenas as posições não desejadas – como pode ser verificado ao encontrar idosos vendendo loteria, ouro, fazendo bicos, etc.

O passar dos anos e o aparecer das doenças, das limitações, acaba por colocar o idoso em posição diferenciada perante seus filhos e parentes. A condição de limitado e dependente desempodera quem a pouco tempo apresentava-se empoderado socialmente, financeiramente e familiarmente. E o número de idosos no Brasil torna-se crescente e nos alerta para outras questões; “traz a consciência da existência da velhice como uma questão social. Questão esta que pede grande atenção, pois está diretamente relacionada com crise de identidade; mudança de papéis; aposentadoria; perdas diversas e diminuição dos contatos sociais” (MENDES, et al, 2005, p. 423).

E, neste ponto, vê-se imprimir um novo sentido à vida em sociedade: estudar para se capacitar para o mercado, uma vez inserido galgar posições melhores e retirar-se quando não mais se fizer útil ao mercado. O capital, através do trabalho, acaba por ditar quem pode permanecer e quem deve sair do jogo do mercado de trabalho. Impõe condições para entrada e determina a utilidade de cada indivíduo. Portanto, neste trabalho, em específico, busco analisar como os indivíduos idosos (aqueles que já se encontram fora do mercado) entendem a relação entre trabalho, sociedade e ser idoso.

Corroboram, com a questão da relação de marginalização do idoso perante o capital e o trabalho, Melo, Sasaki e Maria (2011, p. 5) ao afirmarem que “vimos que o trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas, principalmente para as classes menos favorecidas. Deste modo, o envelhecimento configura-se como um problema a ser enfrentado pelos trabalhadores, uma vez que os idosos são considerados improdutivos para sociedade capitalista”. Observa-se que há uma crescente preocupação com a questão dos indivíduos e a qualidade de vida – o que, em partes, vai em desencontro com a realidade do capitalismo; onde trabalho e uma vida dinâmica imprimem baixa qualidade de vida.

Essa preocupação com o bem-estar dos indivíduos em sociedade, o Estado de bem-estar, que deveria ser garantido pelo Estado ao lançar mãos de políticas públicas que garantissem a proteção dos indivíduos perante o mercado de trabalho (BODE, 2007) acaba por sucumbir à lógica capital também desenvolvida pelos Estados. Dessa forma, “dentre esses benefícios, os da Previdência, Saúde e Assistência Social que constituem o tripé da Seguridade Social, são os que mais requerem investimentos por parte da população idosa. Assim, por demandarem tantos recursos públicos passam a ser vistos pela sociedade como improdutivos e alavancadores de gastos” (MELO, SASSAKI, MAIA, 2011, p. 6). Os idosos acabam por ser marginalizados pelo capital, pelo Estado e pela própria sociedade ao serem representados e entendidos como improdutivos e custosos ao sistema.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Optou-se aqui por uma pesquisa de cunho qualitativo, direcionada para imersão no campo e conhecimento da realidade dos idosos, em seguida, desenvolveu-se um roteiro para entrevistas semiestruturadas visando alcançar o entendimento do ser idoso em Belo Horizonte e das relações destes com a sociedade e o capital/trabalho. O uso de entrevista semiestruturada faz-se importante por permitir ao entrevistado a construção da resposta (MATTOS, 2010), dando-lhe liberdade quanto à narrativa dos fatos ou explicação aprofundada da realidade.

Nesta pesquisa, buscou-se atingir o discurso dos idosos frequentadores da Praça Sete a partir de um roteiro de entrevistas que abarcava três temáticas: i) a vida do entrevistado; ii) sobre a condição de ser idoso; iii) a vida na Praça Sete e em Belo Horizonte. Tendo este roteiro como ponto de partida, buscou-se alcançar as percepções dos idosos sobre a temática aqui proposta.

Objetivando conhecer a visão dos idosos acerca das relações estabelecidas em sociedade e com o capital, foram entrevistados sujeitos que se aplicavam nessas características em específico – acima de sessenta anos, frequentadores da praça sete para fins de lazer ou trabalho. A escolha desses indivíduos foi feita de forma aleatória durante as idas ao referido espaço. Garantido o sigilo, foram feitas doze entrevistas utilizando roteiro semiestruturado, baseado em perguntas abertas que possibilitam ao entrevistado expor a realidade em que vive.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, confrontamos os discursos elaborados pelos idosos à contextualização social a que estes se inserem. A opção pela análise do discurso como técnica de análise faz-se justificável por possibilitar o entendimento de questões mais abrangentes presentes no discurso dos idosos. Segundo Godoi (2010) o uso da análise do discurso ajuda na compreensão para além da conversação, abrangendo a leitura de mundo para um domínio mais vasto, incluindo aspectos não verbais da comunicação.

A adoção da análise do discurso em sua vertente francesa faz-se justificável, pois, como apontado por Saraiva (2009, p. 90), a análise do discurso francesa configura-se enquanto “um conjunto de instrumentos metodológicos que sistematizam a abordagem de textos diversos usada na busca por uma melhor compreensão de um discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair os aspectos mais relevantes”. Para tanto, buscamos neste trabalho usar as seguintes categorias de análise: i) a análise lexical; ii) os discursos presentes no texto e iii) os aspectos ideológicos defendidos.

4. SOBRE SER IDOSO

O ser idoso é diferente do ser velho. Ser idoso é uma condição humana que, com o passar do tempo, traz consigo o enfraquecer do corpo, a limitação de sentidos e uma necessidade maior de descanso do que de atividade. O ser velho é uma condição imposta pelo capital, pelo mercado de trabalho que, vendo em uma pessoa esgotada suas possibilidades de força de trabalho, joga-a para fora do mercado sob o rótulo de “velho”.

Embasado nos argumentos de ultrapassado, não atualizado, limitado fisicamente e cansado, o capital o deprecia ao ponto de tirar do idoso a condição humana e julgá-lo sob uma condição de objeto, substituível e depreciável. Portanto, como apontado por Silva (2008) no trecho abaixo, nem sempre tais representações fazem-se válidas ao idoso que, com aposentadoria baixa, pouco valorizado pela sociedade e pela família, vê-se esvaziar parte de seus sentidos da vida.

Além das tradicionais representações que atrelam os momentos mais tardios da vida ao descanso, à quietude e à inatividade, surgem hábitos, imagens e práticas que associam o processo de envelhecimento a atividade, aprendizagem, flexibilidade, satisfação pessoal e vínculos amorosos e afetivos inéditos (SILVA, 2008, p. 156).

Logo, se a aposentadoria deveria ser um momento de paz, descanso e tranquilidade, essa nem sempre se faz assim. Não só do ponto de vista social e familiar, mas financeiro também. As perdas salariais e de benefícios após se aposentar acaba por levar inúmeros idosos ao mercado, novamente. Por outro lado, dificuldades do passado em se manter formalizado ao mercado também trouxeram dificuldades para outros idosos se aposentarem e, com isso, ainda trabalham, mesmo dada a idade avançada ou as próprias limitações que, outrora, colocaram outros idosos foram deste mesmo mercado de trabalho.

(01) É mais um biscate, né? Tô trabalhando. Não sô aposentado não (Entrevistado 5).

No trecho (01) observa-se que o discurso presente faz referência a questão do trabalho para os idosos como um biscate. O equivalente ao fazer um bico é uma forma de complementar a renda familiar. O mais interessante do discurso deste idoso é a seleção lexical “não sô aposentado não”. No momento desta fala, o idoso colocava o dedo frente a boca, como em gesto de silêncio e afirmava baixinho, “ninguém pode saber que sou aposentado e trabalho não”. A necessidade por complementação financeira é tão forte quanto a necessidade de se ocupar o tempo. No entanto, para outros idosos o trabalho tem um aspecto ideológico diferente, de manter-se ativo mental e socialmente, pois para estes, “é o trabalho que permite o ato de existir enquanto cidadão e auxilia na questão de se traçar redes de relações que servem de referência, determinando, portanto, o lugar social e familiar” (MENDES, et al, 2005, p. 424).

(02) Hoje eu trabalho como pedreiro. Fazendo barraco... e, pra gente mesmo, né? eu comecei a fazer o barraco, e continuei fazendo. Eu faço e alugo. Já tem quinze barraco. Ah, ocupar o tempo, né. Não ficar a toa. Deus manda que a gente tem que trabaiá até morrer, então tem que trabaiá (Entrevistado 7).

No caso do trecho (02), observa-se que mesmo com idade bem avançada este ainda desenvolve atividades braçais, como a de pedreiro, apresentada na primeira seleção lexical “hoje eu trabalho como pedreiro. Fazendo barraco”. E como afirmado na segunda seleção lexical, “ah, ocupar o tempo néh. Não ficar a toa. Deus manda que a gente tem que trabaiá até morrer, então tem que trabaiá”. Nesse ponto, observa-se que além do discurso da necessidade de buscar uma ocupação há também um discurso de alinhamento do indivíduo com as questões religiosas. O idoso busca assim, ainda que com dificuldades, sanar sua necessidade de sentir-se útil e produtivo.

(03) Pra um velho, aposentado, então, quer dizer, tudo é difícil. Aparece. Mas aparece uns biquinhos, muito pouco, entendeu? Não dá pra você encher a boca, ah, to ganhando dinheiro. Pra isso não dá não. Então é pra complementar o seu, né? E pra gente também não ficar parado, porque eu, por exemplo, eu, parado, eu fico sem saber o que é que eu faço. Cê não aguenta ficar dentro de casa, entendeu? Não tenho mesmo saco pra ficar dentro de casa. Então eu saio, eu venho aqui, eu vou pra outros lados, vou procurar um amigo, entendeu? Sempre eu to procurando alguma coisa pra fazer, mais é, mas é curto

o prazo. Então é isso, e vou lá, agora devia ter uma lei pra deixar o cara trabalhar até o dia que quentar. Não quenta mais? Cai, morre e pronto, acabou. Mas, infelizmente, sei lá, esse Brasil ta muito difícil, nossa senhora!... Cê vê, os ganhamezinhos que a gente tem extra, diz que esse ano num tem, né? Diz que não vai ter décimo terceiro, não tem fundo de garantia, né? Isso é pra tampar os roubo dos ladrão lá. Os coitadozim, os trabalhadores que pagam, é difícil! Rapaz, não queira ficar véi não. Continua novo igual cê ta (Entrevistado 8).

Como apresentado no trecho (03), o Entrevistado 8 aponta as dificuldades vividas pelo idoso para se enquadrar socialmente, “pra um velho, aposentado, então, quer dizer, tudo é difícil. Aparece. Mas aparece uns biquinhos muito pouco, entendeu? Não dá pra você encher a boca, ah, to ganhando dinheiro”. E reforça a função do biscate quando idoso, “então é pra complementar o seu, né? E pra gente também não ficar parado, por que, por exemplo, eu parado, eu fico sem saber o que é que eu faço”. O discurso apresentado denuncia a questão da aposentadoria que apresenta-se abaixo das expectativas financeiras vividas quando da vida ativa, além de trazer um aspecto que pode fazer referência aos novos gastos que o idoso “ganha” com o passar dos anos, como tratamentos médicos e gastos com saúde.

Mais uma vez aparece no discurso dos idosos o conflito entre ficar em casa e ir para rua. A casa toma lugar de prisão, de espaço de tédio e decadência, “Cê não aguenta ficar dentro de casa, entendeu? Não tenho mesmo saco pra ficar dentro de casa. Então eu saio, eu venho aqui, eu vou pra outros lados, vou procurar um amigo, entendeu?”. A outra questão apontada no discurso deste idoso é a busca por enfrentar um reconhecimento por direitos sociais, como a aposentadoria, “Então é isso, e vou lá, agora devia ter uma lei pra deixar o cara trabalhar até o dia que quentar. Não quenta mais? Cai, morre e pronto, acabou”.

Essas questões, como o ser “expulso” do mercado, a permanência neste ou o retorno de forma desqualificada, é bem desenvolvida na discussão de Melo, Sassaki e Maia (2011, p. 6) ao apontar que:

idosos descartados do emprego ao perderem a identidade de trabalhador ficam envoltos a inúmeros questionamentos do tipo, que papel desempenhar? Que atividade desenvolver? Como sobreviver? A solução para essa questão, segundo Beauvoir (1990) é permitir que os trabalhadores continuem ativos o tempo que puderam, ou aposentá-los cedo, desde que assegurem um nível de vida satisfatório

Ainda que o avançar da idade traga uma limitação física, existem idosos que fogem à regra ou buscam até mesmo através de atividades uma forma de tentar driblar ou permitir que as limitações se agravem. Ou será que as questões financeiras e de estrutura familiar que tentem a interferir e definir quais terão maior ou menor mobilidade? O manter-se em atividade no mercado é também uma dessas formas de se manter ativo; mantem-se o corpo e a mente em exercício.

(04) Quem é os sessenta e quatro anos não procura mais diversão não. Aproveita o tempo pro trabalho. Quando eu to em casa eu procuro descansar o máximo, que sou cardíaco, não posso ficar mais fazendo, é, eu moro numa casa muito baixa, né. Depois eu vou fazer uma casa no Rio. Eu fiz uma, duas três, quatro cirurgias, então eu tenho que me poupar. Agora eu to na fase de poupar porque o tempo não perdoa. (Entrevistado 5)

O trecho (04) reforça o discurso da ideia do trabalho (e da atividade laboral) na terceira idade, “quem é os

sessenta e quatro anos não procura mais diversão não. Aproveita o aproveita o tempo pro trabalho”. Tal discurso traz um pouco da necessidade de sentir-se indivíduo em sociedade, se parte do conceito que pessoa ociosa é pessoa vagabunda, o idoso que vê-se “procurando diversão” nada mais é do que um possível vagabundo.

No entanto, ainda que o Entrevistado 5 alimente tal perspectiva do trabalho, usando inclusive o termo “aproveitar”, este idoso aponta as dificuldades de manter-se tal rotina, “quando eu to em casa eu procuro descansar o máximo, que sou cardíaco, não posso ficar mais fazendo, é, eu moro numa casa muito baixa, né”. O idoso reconhece suas limitações, mas abre mão da diversão (e do ócio) e prol de uma rotina de trabalho. E se contradiz ao aponta “então eu tenho que me poupar. Agora eu to na fase de poupar porque o tempo não perdoa”. E aparentemente, ele mesmo não perdoa o que o tempo lhe fez (uma, duas, três, quatro cirurgias); há uma vontade de viver, logo, a velhice não é um atalho para a morte, mas uma fase de resistência pois, o que se apresenta no discurso é uma vontade de viver ao máximo.

(05) Eu não penso nisso... Eu vi uma reportagem essa semana um senhor com uns noventa anos ou menos. O moço tem oitenta e sete anos, ele é chefe duma equipe da prefeitura que faz limpeza, e ta e ta. Aí tava mostrando que o idoso, hoje, ta mais ativo e tudo. Aí o cara falou com ele assim: o senhor pensa em parar? Ele respondeu interessantemente, não sei se cê viu... Ele falou assim “porra, por que que eu tenho que parar de fazer as coisas se eu morrer eu vou parar de fazer pra sempre?”. (Entrevistado 4)

A primeira seleção lexical do trecho (05) aponta outra questão: o idoso e a valorização de seu papel na sociedade. Ao apontar que “o moco tem oitenta e sete ano, ele é chefe duma equipe da prefeitura que faz limpeza, e ta e ta. Aí tava mostrando que o idoso, hoje, ta mais ativo e tudo”, ele traz a questão do papel do idoso na sociedade, mesmo com idade bem avançada é chefe de uma equipe (observa-se emergir a questão da competência e experiência deste senhor frente aos demais, provavelmente jovens).

A segunda seleção lexical traz um interdiscurso sobre o confronto da vida e da morte – a ideia de aproveitar enquanto se vive, pois, depois de morto não há mais o que fazer. A construção social do sendo de utilidade que o ser humano tem de ter (s serviço do capital, normalmente) apresenta-se fortemente imbuído no discurso deste idoso (que é o mesmo que prega o não uso de filas preferenciais por idosos). Ao fazer a apelação “porra, por que que eu tenho que parar de fazer as coisas, se eu morrer eu vou parar de fazer pra sempre?”, o idoso retoma a necessidade de manter-se ativo que, no caso dele, refere-se à manter-se ativo no mercado de trabalho, mas para uma outra parte dos idosos refere-se a ter atividade, laborais ou não, para manter corpo e mente em exercício contínuo.

Analisando as duas seleções lexicais observa-se que o argumento desenvolvido pelo entrevistado traz um aspecto ideológico defendido que é o de que o idoso deve permanecer no mercado, ou seja, não ser considerado velho, enquanto ainda tiver força e vontade de trabalhar. Na segunda seleção lexical nota-se que há uma ideologia combatida, a da sociedade “tornar” o idoso um incapacitado, esse discurso ideológico é combatido pela primeira seleção lexical onde se encontra o argumento/situação que embasa tal ponto de vista.

Quando falamos de incapacitações físicas e acessos, a questão do transporte público, mencionada anteriormente, traz consigo outras questões a ela implícitas: o espaço do idoso; o momento da sociedade “pagar” pelos serviços por este um dia prestado e a questão cultural/ética de respeito e consideração pelos em situação menos confortável; o capital e o tipo de sentimento que ele imbuí da invalidez do homem (ao motorista, ao cobrador, ao próprio usuário do transporte público).

(06) Isso aí, eu vou te falar rasgado, nós estamos vivendo numa sociedade filha da puta. Ladrão, ninguém respeita ninguém. Cê entra dentro do ônibus, os jovens ta tudo sentado, um fala às vez com outro “ow, dá lugar pro moço aí” e o cara fala “que? Eu to cansado, rapá, trabalhei o dia inteiro”. Esse homem aí ele não trabalhou nem duas horas hoje. Falam mesmo, entendeu? Cê, cê entra num ônibus, é motorista que num fala com você, apesar de os maloqueiro, os ladrão, que anda tudo de Beretta, revólver, faca, eles sentado, ninguém fala nada, nem o trocador e nem o motorista. Melhor descarregar em cima do véi. Sobe em cima de mim, não descarrega também não. De vez em quando eu to mandando um pra puta que pariu. Se entrar, toma tiro. Entendeu? Eu posso já num ta valendo nada, mas o dedo eu ainda sei puxar. Isso é um absurdo, né? Eu acho um absurdo. Cê vê, eu vi... Igual eu vi, foi... Quinta-feira passada, eu vi um motorista sair de pau num senhor de idade, e o trocador, eu até falei com o trocador, falei com ele: “fica na sua”. Ele falou “ah, porque o véi, e num sei o que”, ai eu falei “só to te falando pra você ficar na sua”. Se o cê pular essa roleta pra cá, você vai correr um grande risco... E corria mesmo, ele tava correndo o risco de tomar um tiro. Que é um absurdo, não tem jeito. Ô! E os vagabundos entra, senta e vai embora, ninguém fala nada. Porque eles têm medo de tomar tiro, né? Mas é bobagem, que o quê eles não faz com quem merece, que é os vagabundo, faz com os velho. É uma bandaieira esse país nosso! Esse país nosso ta uma zona! Uma casa de puta governada por sacana. Entendeu? É, ué. É a realidade, entendeu? Cê ta me entendendo o que eu to falando, né? É a realidade. Nem eu que to, olha pro cê vê acontecendo aí, po. Pelo amor de Deus, né? Acho que é o contrário. Motorista devia por pra fora os vagabundo, e dá o lugar pros véio, né, sentar, o cara que trabalhou, o cara que já pagou e num é um ônibus não, num to falando negócio de passagem não, já vou falar logo o ônibus. Um cara igual eu, eu não paguei uma passagem, eu já paguei foi uns trinta ônibus, né? E praticamente, e automaticamente, no meio dos vagabundos, eu não tenho direito de viajar. E os vagabundo têm, né? Então, quer dizer, é difícil demais. (Entrevistado 8)

Neste trecho (06), o Entrevistado 8, reforça tal questão das problemáticas que acompanham o acesso ao transporte público; apontando um discurso que desenvolve questões de ordem social e organizativa. A primeira questão pode-se perceber nas duas primeiras seleções lexicais, “Cê entra dentro do ônibus, os jovens ta tudo sentado, um fala às vez com outro ‘ow, dá lugar pro moço aí’ e o cara fala ‘que? Eu to cansado, rapá, trabalhei o dia inteiro’”. Esse homem aí ele não trabalhou nem duas horas hoje”; “Cê, cê entra num ônibus, é motorista que num fala com você, apesar de os maloqueiro, os ladrão, que anda tudo de Beretta, revólver, faca, eles sentado, ninguém fala nada, nem o trocador e nem o motorista. Melhor descarregar em cima do véi”.

Estas duas seleções apresentam como o idoso é visto por aqueles que oferecem o transporte público (as empresas autorizadas e sua lógica de lucro repassada aos funcionários) e a própria sociedade que usa e compartilha deste mesmo serviço (que não usa do respeito aos espaços reservados ou da lógica de compadecer perante a situação mais delicada do próximo). Neste trecho (10) o que se pode perceber também é a demarcação do lugar do idoso que entrevisto; da condição social de produção do discurso: não é qualquer idoso, é um idoso que utiliza do transporte público, é um idoso de um nível socioeconômico mais baixo.

Em tese, a relação do idoso com os benefícios proporcionados pelo Estado deveriam ir na contramão do apresentado do discurso do idoso no trecho (06):

Na sociedade capitalista o idoso é apresentado como beneficiário já que este contribuiu

para o seu país e agora pode gozar de seu repouso, respaldado pelas políticas sociais que se efetivam através de serviços. Os idosos dispõem de um leque de “alternativas” dentro desses serviços, na sua maioria estatais, que estão caracterizados em várias atividades, que são identificadas no âmbito do discurso da universalidade de direitos (OLIVEIRA, FERNANDES, CARVALHO, 2011, p. 3).

No entanto, o que se percebe na terceira e a quarta seleção lexical é o descompasso social com a situação do idoso e a necessidade de atenção e cuidados diferenciados que este precisa; “Eu posso já num ta valendo nada, mas o dedo eu ainda sei puxar”. Ou seja, em vista da situação que a sociedade lhe empurra (considerando-o um debilitado), este se arma, literalmente, para se fazer “protegido” perante a sociedade que o estigmatiza, repreende e o desrespeita.

Por outro lado, a questão do desrespeito com o idoso faz emergir uma questão social e de organização do transporte público que se refere ao uso indevido deste sem seu respectivo pagamento (que, se aprofundarmos em tal questão poderíamos chegar até mesmo ao questionamento sobre ser mesmo um serviço público). Como apontado pelo Entrevistado 8, é comum tais práticas, “os vagabundos entra, senta e vai embora, ninguém fala nada. Porque eles têm medo de tomar tiro, né? Mas é bobagem, que o quê eles não faz com quem merece, que é os vagabundo, faz com os velho”.

O sentimento de injustiça é reforçado nessas situações, não só pelo mal trato com o idoso, mas por uma convivência dos mesmos (motoristas e cobradores) com tais situações. Tal situação é tomada como natural pelos idosos e estes acabam por incorporar parte do discurso de inválido, pois, “o julgamento e a vigilância que a sociedade mantém sobre a pessoa idosa faz com que a mesma se sinta inibida [...] isso faz com que o mesmo assimile esses reflexos como verdade, levando a privações pessoais, passando a adotar comportamento de acordo com as expectativas sociais” (ALENCAR, et al, 2014, p. 3539).

Ao fim, o Entrevistado 8 ainda reitera seu posicionamento e traz consigo mais uma lógica do capital (aquele mesmo que torna o idoso um velho): só poderia andar de transporte público quem pode pagar. Como afirmado, “motorista devia por pra fora os vagabundo, e dá o lugar pros véio, né, sentar, o cara que trabalhou, o cara que já pagou e num é um ônibus não, num to falando negócio de passagem não, já vou falar logo o ônibus. Um cara igual eu, eu não paguei uma passagem, eu já paguei foi uns trinta ônibus, né? E praticamente, e automaticamente, no meio dos vagabundos, eu não tenho direito de viajar”.

Dessa forma, o idoso usa do mérito da riqueza por ele criada em seu tempo de atividade para justificar a necessidade do “vagabundo” pagar pela passagem e ele, não. Observa-se, logo, o interdiscurso que reforça o lugar do velho (aquele categorizado pelo capital), aquele que não produz, e que seria apenas um “peso” para o sistema. Se tem dinheiro pode pegar pelos produtos e serviços; logo, é idoso. Se não pode é ônus, é o “velho”; assim:

Com a perda de identidade no mercado de trabalho o idoso na família ganha uma nova serventia, ele é reciclado, aproveitado de várias formas que advêm de um mesmo apontamento, o recurso financeiro. E esse jeito da família perceber o mais velho só aumenta o processo de coisificação da pessoa idosa (OLIVEIRA, FERNANDES, CARVALHO, 2011, p. 4).

Logo, a questão da aceitação pessoal por parte dos idosos mostra-se algo de maior complexidade, afinal, fala sobre a vida pessoal, a vida em família e em sociedade. Com base nos discursos apresentados nesta seção observa-se que a essência dos discursos destes idosos centra-se nos problemas que vem junto com o avançar da idade. E são problemas de toda ordem, limitações físicas, financeiras, sociais, entre

outras.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou, ao analisar a relação dos idosos em Belo Horizonte com a questão do trabalho, sociedade e aposentadoria, concluir que os discursos, em geral, trazem consigo o entendimento do trabalho enquanto dignificador do indivíduo, mesmo o idoso que por muito tempo trabalhou. Há uma necessidade que vai além de sentir-se vivo e útil, há uma necessidade de complementar a renda referente à uma aposentadoria que provavelmente não satisfaz às necessidades mínimas – aspecto silenciado pelos entrevistados.

Idoso! Velho! Terceira idade! Melhor idade! Sobre que grupo eu falo? Conforme apresentado, há uma necessidade enorme de reafirmação do termo idoso enquanto uma categoria de análise mais interessante e menos condicionada à depreciação desenvolvida (senão imposta) pelo capital. Dessa forma, podemos entender que “a velhice é um fenômeno que atinge todas as classes sociais, mas, o modo de vivenciá-lo varia em cada uma delas” (MELO, SASSAKI, MAIA, 2011, p. 1). E, neste trabalho, acabamos por tratar de um idoso de uma condição sócio financeira menor, apresentando limitações e dificuldades referentes ao seu posicionamento em sociedade.

Por outro lado, quando não mais satisfeito em espoliar o idoso quando de sua atividade laboral, o mercado busca explorar sua nova situação financeira estabilizada e de ganho mensal garantido pela aposentadoria. As denominações de terceira idade e melhor idade também trazem implícitos interesses de um nicho de mercado que vê nos idosos uma possibilidade de vender “fantasias e sonhos” transformando, portanto, a questão do idoso em diversão e produto de consumo a partir do discurso da melhor idade. E, por muitas vezes, explorando sua capacidade financeira – ora já comprometida com saúde e manutenção do lar – com pacotes de viagens, produtos especiais, tecnologias descontextualizadas à sua vivência e até mesmo explorando a hipossuficiência financeira por meio de empréstimos com as condições ditas especiais.

O que se percebe ao final é que, buscando voltar a atuar no mercado de trabalho ou sucumbindo à lógica capital, o idoso busca se reafirmar enquanto indivíduo apto à vida social. Todo o contexto criado a partir do capital só faz com que o idoso “se perceba como um ator social que não atua mais, mas que já atuou e “merece” ser recompensado por isso. Buscando, por meio de tais políticas preservar a hegemonia dominante (OLIVEIRA, FERNANDES, CARVALHO, 2011, p. 3).

Tais constatações só reforçam a necessidade de se pensar o indivíduo enquanto objeto de pesquisa dos Estudos Organizacionais. Afinal, quais as estratégias e táticas adotadas pelos indivíduos idosos para superarem questões como a dificuldade financeira? Como se estruturam as relações de poder no âmbito familiar neste novo contexto? De que forma o idoso faz uso (e contra-uso) dos espaços citadinos? Portanto, reflexões acerca deste grupo tornam-se relevantes por sua importância enquanto indivíduos em situação marginalizada e por sua importância social.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, D. L.; MARQUES, A. P. O.; LEAL, M. C. C.; VIEIRA, J. C. M. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 8, pp:3533-3542, 2014.

BODE, I. New Moral Economies Of Welfare: The Case Of Domiciliary Elder Care In Germany, France And Britain. **European Societies**, v. 9, n. 2.: pp. 201/227, 2007.

- BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista** – a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- CAROLINO, J. A.; SOARES, M. L.; CANDIDO, G. A. Envelhecimento e Cidadania: Possibilidades de Convivência no Mundo Contemporâneo. **Qualit@s Revista Eletrônica** ISSN 1677 4280 Vol.1. N°1, 2011.
- ENRIQUEZ, E. Perda do Trabalho, Perda da Identidade. In: NABUCO, M. R.; NETO, A. C. (Org.) **Relações de trabalho contemporâneas**. Belo Horizonte: Instituto de Relações do Trabalho – PUC, 1999. p. 13-30.
- FABRIS, J.; FISCHER, A.; SEHEM, S. A cidade do idoso à luz da teoria dos stakeholders. **REUNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil, v.20, n.1, p5-24, Jan. – Mar. 2015 - ISSN 2179-8834
- GODOI, C. K. Perspectivas da análise do discurso nos estudos organizacionais. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; DA SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em Estudos Organizacionais**: Paradigmas, Estratégias e Métodos. 2ª Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.
- LIMA, L. M. G.; VON SIMSON, O. R. M. Turismo e Idosos: o patrimônio imaterial como fator de atração para o turismo cultural no espaço rural. **Turismo em análise**. V. 21, n. 3, dezembro 2010.
- MARGLIN, S. A. Origem e funções do parcelamento das tarefas: para que servem os padrões? **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v.18, n. 4, out./dez.1978, p. 39-77.
- MATTOS, P. L. C. L. Análise de entrevistas não estruturadas: da formalização à pragmática da linguagem. In: GODOI, C.K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; DA SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em Estudos Organizacionais**: Paradigmas, Estratégias e Métodos. 2ª Ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.
- MAYA, P. V. R. Trabalho e tempo livre: uma abordagem crítica. In: JACQUES, M. G. C., et al. org. **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31- 47.
- MELO, N. S.; SASSAKI, Y.; MAIA, D. B. Envelhecimento do Trabalhador na Periferia do Sistema Capitalista: um Estudo com os Idosos de Manaus. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, **Anais...**; São Luiz, 2011.
- MENDES, M. R. S. S. B.; GUSMÃO, J. L.; MANCUSSI E FARO, A. C.; LEITE, R. C. B. O. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paul Enferm.** 2005;18(4):422-426
- OLIVEIRA, M. C. R.; FERNANDES, M.; CARVALHO, R. R. O Papel do Idoso na Sociedade Capitalista Contemporânea: uma tentativa de análise. In: V Jornada Internacional de Políticas Públicas, **Anais...**; São Luiz, 2011.
- PEREIRA, M. C.; MUNIZ, M. M. J.; BRITO, M. J. Mudanças no Mundo do Trabalho e Cidadania na Sociedade Contemporânea: Análise dos Discursos de Trabalhadores no Sul de Minas Gerais. **Revista Alcance – Eletrônica**, v. 16, nº 01., UNIVALI p. 81 – 101, jan/abr. 2009
- RAMPAZO, A. V. O management e o projeto de controle do mundo. **Farol – Revista de Estudos**

Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, n. 4, p. 569-619, ago. 2015.

SARAIVA, L. A. **Mercantilização da Cultura e Dinâmica Simbólica Local**: a Indústria Cultural em Itabira, Minas Gerais. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** [online]. Rio de Janeiro, vol.15, n.1, pp. 155-168, jan-mar. 2008. ISSN 1678-4758.

SOUZA, R. F.; MATIAS, H. A.; BRETAS, A. C. P. Reflexões sobre envelhecimento e trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(6):2835-2843, 2010.

VALLE, Lilian A. B. O lazer como resistência. **Fórum Educacional**. v. 4, n. 12, 1988, p.44-50.

VILELA, A. B. A.; CARVALHO, P. A. L.; ARAUJO, R. T. Envelhecimento Bem-Sucedido: Representação de Idosos. **Rev.Saúde.Com** 2006; 2(2): 101-114